



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA-CESPD  
LETRAS LICENCIATURA E HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E  
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

**MYRNA MOTA VIEIRA**

**A POESIA MARGINAL COMO SINAL DE RESISTÊNCIA NA DÉCADA DE 70**

Presidente Dutra-MA

2023

**MYRNA MOTA VIEIRA**

**A POESIA MARGINAL COMO SINAL DE RESISTÊNCIA NA DÉCADA DE 70**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura e Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, para a obtenção do grau de Licenciado em Letra Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientador(a): Profa. Esp. Francisca Fabiana da Conceição Cruz.

Presidente Dutra-MA

2023

Vieira, Myrna Mota.

A poesia marginal como sinal de resistência na década de 70 / Myrna Mota Vieira. – Presidente Dutra, MA, 2023.

51 f

TCC (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, 2023.

Orientadora: Profa. Esp. Francisca Fabiana da Conceição Cruz.

1.Censura. 2.Ditadura. 3.Poesia marginal. I.Título.

CDU:82-1:321.64

**MYRNA MOTA VIEIRA**

**A POESIA MARGINAL COMO SINAL DE RESISTÊNCIA NA DÉCADA DE 70**

Monografia apresentada ao Curso de Letras  
Licenciatura e Habilitação em Língua  
Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa  
da Universidade Estadual do Maranhão-  
UEMA, para a obtenção do grau de  
Licenciado em Letra Língua Portuguesa e  
Literatura de Língua Portuguesa.

**APROVADO EM: 14/07/2023**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Esp. Francisca Fabiana da Conceição Cruz  
Orientadora

---

Profª. Esp. Maria Odete da Silva Lima

---

Profª. Esp. Wideglan Marques Sousa Beserra

Consagre ao Senhor tudo o que você faz,  
e os seus planos serão bem-sucedidos.  
(Provérbios 16.3)

Dedico esse trabalho em primeiro lugar a  
Deus por ser minha fonte de vida  
inesgotável e companheiro nessa jornada,  
a minha família por estar ao meu lado  
durante essa trajetória acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

A trajetória acadêmica costuma ser solitária, muitas vezes, nós acadêmicos nos abstermos de saídas em que vamos nos divertir, para focarmos em materiais de estudo e fazermos trabalhos, contudo gostaria de aproveitar esse espaço para agradecer a quem sempre esteve ao meu lado e não deixou que eu viesse a desistir.

Primeiramente agradeço a Deus que é o autor da minha história, e até aqui tem me sustentado, fazendo continuar apesar dos obstáculos, fortalecendo a mim em todo momento fisicamente, mentalmente e espiritualmente.

A minha família, em especial meu pais Francisca Do Nascimento e Misael Barros, que estiveram ao meu lado incentivando a prosseguir, motivando a cada pensamento que tinha como objetivo desistir da carreira acadêmica e por não deixarem faltar o essencial: amor e o apoio nos momentos difíceis.

As minhas irmãs Apoenna Mota e Raabe Mota pelo companheirismo.

A minha tia Maria de Jesus, que sempre me apoiou apesar da distância, as minhas primas Carluzia Raposo e Catiane Raposo por sempre estarem ao meu lado, alegrando-se nas minhas conquistas.

Aos amigos que a UEMA me presenteou Jonas Pereira, Gustavo dos Santos, Nathalia Alves, Claudia Lima, Mariana Oliveira e Mara Erika que estiveram e estão ao meu lado a todo o momento deste curso, sendo um privilégio conhecê-los e tê-los em minha vida, sendo assim obrigada galera por tornarem as aulas mais agradáveis e por permanecerem até aqui.

Aos meus demais colegas de turma, bem como todo o corpo docente em especial ao professor Jonh Jefferson do Nascimento Alves pela amizade, parceria e incentivo, e ao copo administrativo do campus de Presidente Dutra-Ma.

A minha orientadora Francisca Fabiana da Conceição Cruz, por ter me auxiliado desde a escolha do tema deste trabalho, apresentando a mim a poesia marginal contemporânea, pela paciência, companheirismo, amizade e por me guiar durante todo esse trabalho.

A todos que estiveram comigo e não me deixaram desistir, mais me motivaram a seguir em frente.

Pois assim é a poesia

Esta chama tão distante mas tão perto de  
Estar fria.

(Cacaso)

## RESUMO

Este trabalho tem como proposta a discussão da poesia marginal como sinal de resistência e crítica social no Brasil, na década de 1970 frente ao período ditatorial, a literatura marginal tem início com o Tropicalismo, Contracultura e Desbunde: ambos seguindo sobre o viés da vida alternativa, deixando de lado o sistema conservador que regia a moral e a ética social, buscavam pautar seu modo de vida nas drogas, bebidas, sexo, gírias e no modelo de vida livre. A escrita coloquial, a ironia, a intertextualidade, a linguagem metaforizada, são características que norteiam o âmbito da produção e escrita dos poetas marginais, assim são considerados marginais por viverem à margem do sistema editorial da década de 70, sobre a constante vigilância do governo militar e a censura presente no meio das produções artísticas, vemos que os poetas se reinventam através de suas literaturas produzindo-as através do mimeógrafo e distribuindo em praças, bares, cinemas e nos mais diversos lugares sociais. Nessa perspectiva, faremos uso da pesquisa bibliográfica e nortearemos nosso trabalho sobre os pensamentos de: Samira Youssef Campedelli(1985), Glauco Mattoso(1981) e Heloisa Buarque Holanda(1976), com a Antologia 26 Poetas Hoje dentre outros teóricos. Dessa forma, veremos como a escrita torna-se um sinal de liberdade para os poetas da geração mimeógrafo e como a suas poesias chegavam aos altos níveis da sociedade por meio da produção de folhetins, sendo um dos movimentos mais significativos da literatura no que diz respeito à circulação nos ambientes sociais.

**Palavras-Chaves:** Poesia marginal; ditadura; censura.



## **ABSTRACT**

This work proposes the discussion of marginal poetry as a sign of resistance and social criticism in Brazil, in the 1970s in the face of the dictatorial period, marginal literature begins with Tropicalism, Counterculture and Desbunde: both following the bias of alternative life, leaving aside the conservative system that governed morals and social ethics, sought to guide their way of life in drugs, drinks, sex, slang and the free life model. Colloquial writing, irony, intertextuality, metaphorical language, are characteristics that guide the scope of production and writing of marginal poets, so they are considered marginal because they live on the margins of the publishing system of the 70s, on the constant surveillance of the military government and the censorship present in the midst of artistic productions, we see that poets reinvent themselves through their literature producing them through the mimeograph and distributing them in squares, bars, cinemas and in the most diverse social places. In this perspective, we will make use of bibliographical research and guide our work on the thoughts of: Samira Youssef Campedelli(1985), Glauco Mattoso(1981) and Heloisa Buarque Holanda(1976), with the Anthology 26 Poets Today among other theorists. In this way, we will see how writing becomes a sign of freedom for the poets of the mimeograph generation and how their poetry reached the high levels of society through the production of pamphlets, being one of the most significant movements of literature with regard to circulation in social environments.

**Keywords:** Marginal poetry; dictatorship; censorship.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. A POESIA: ETIMOLOGIA DA PALAVRA .....</b>	<b>16</b>
2.1. Movimentos que contribuíram para poesia marginal: Contracultura, Tropicalismo e Desbunde .....	20
2.2. Poesia marginal: Uma contextualização histórica.....	23
<b>3-CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO- LITERÁRIA DO BRASIL NA DÉCADA DE 70.....</b>	<b>28</b>
3.1. A literatura como arte de resistência na década de 70. ....	32
<b>4. A POESIA MARGINAL COMO MEIO DE RESISTÊNCIA E CRÍTICA SOCIAL. .35</b>	
4.1. . Poema “O Riso do Medo” do autor Francisco Alvim: Análise poética e estética.....	38
4.2. Poema “Grupo Escolar” do autor Cacaso: Análise poética e estética..	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>REFÊRENCIAS .....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

A literatura sempre busca evidenciar em suas linhas uma carga histórica, relatando o padrão de vida e costumes de uma determinada sociedade bem como os anseios por parte do escritor, uma fonte inesgotável constituída de fatos concretos e ficcionais. Nesse sentido, ela é o caminho que percorremos até o saber, a cada passo que damos adquirimos conhecimento, assim as inúmeras interpretações a respeito de um determinado texto escrito torna a literatura algo incomum capaz de entrar no íntimo e nos fazer mergulhar em cada palavra e viajando através da leitura. Definir um significado único é impossível à mesma se articula por diversos fatores que são mutáveis com o tempo como biológicos, filosóficos, metafísico entre tantos que permeia o campo do fazer literário.

Diante disso, não podemos definir um significado quando nos referimos à poesia, toda a sua estrutura é rica em significado, cada palavra, pontuação e ritmo tem o objetivo de nos fazer pensar sobre o real contexto e o que levou o eu lírico a escrever tal sentimento seja de amor, crítica, raiva entre tantas emoções que podem ser descritas, ela é múltipla em interpretação, pois é ali que o poeta escreve tudo aquilo que não pode ser falado em alta voz.

A literatura marginal é um movimento que ocorre no Brasil nas décadas de 60 e 70, sendo seu ápice na década de 70, momento em que o país passa por um período de transformação políticas, uma literatura de cunho histórico e denunciativo que vem para romper as produções publicadas pelas editoras que viviam sobre a supervisão do sistema militar. Por isso, é caracterizada como marginal à devido sua distribuição, produção e linguagem.

Assim, a literatura marginal é tudo aquilo que não está no cânone literário que não segue os padrões e estilos das escolas literárias. As produções poéticas na década de 70, conhecidas como poesia marginal, buscavam romper com as escritas convencionais criticando as regras impostas pelo regime ditatorial, trazendo consigo traços de denúncias sobre as atrocidades causadas pela ditadura militar.

É compreendido como período ditatorial o ano de 1964 a 1985, é nesse decurso que todo sistema fica condicionado ao poder militar, com o golpe de 1964. Nesse cenário, é destituído o então presidente João Goulart assumindo no mesmo ano o general Humberto de Alencar Castello Branco tornando-se o primeiro presidente militar do Brasil, iniciando um período sombrio na história.

Com a implantação do AI-5(Ato Institucional de Nº05), ocorre o aumento do poder e a suspensão da liberdade é visível um cenário onde tudo se volta para a repressão, ocorrendo uma reclusão cultural, a liberdade de expressão passa a ser trocada pela opressão da liberdade de falar e expressar-se, é a partir desse momento, que vemos a mobilização da cultura marginal entrando nas mais diversas áreas como a arte, musica teatro, cinema e lugares em eram debatidos assuntos de cunho político e social, os autores e compositores passaram a máscara seus textos para conseguisse expor suas críticas ao modelo político e social estabelecido na sociedade.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a resistência presente nas linhas da poesia marginal, escritas especificamente na década de 70 como mecanismo para expressar crítica ao regime ditatorial da época, nesse vísos discutiremos a relação entre literatura e história, evidenciando a relação entre a arte literária como fator de resistência e analisaremos os traços de crítica ao regime presente nos poemas *O Riso do Medo* do autor Francisco Alvim e *Grupo Escolar* de Cacaso que nos trazem traços de criticas ao período ditatorial, os presente poemas estão presente no livro “26 Poetas Hoje”, de Heloisa Buarque de Holanda.

A caneta e o papel são para os poetas um grito de liberdade e a poesia marginal rompe as barreiras entrando em ambientes que em nenhum momento foi possível imaginar, é fato que devido à censura essa geração de escritores não tinha os recursos para publicar, visto que toda imprensa editorial era manipulada pelo governo, nada podia ser propagado sem antes ser analisado e tudo que possuía um teor de denúncia contra a forma que o país estava sendo administrado era censurado. Todas as formas de comunicação passam a ficar sobre o controle do estado nem tudo poderia ser cantado, publicado ou reproduzido na televisão.

A Geração mimeógrafo, assim ficaram conhecidos os poetas marginais e todos que fizeram partes deste movimento, pois produziam seus próprios materiais e distribuíam pela cidade, utilizavam- se do mimeografo como sua principal fonte de produção, visto que as editoras eram controladas, é nesse sistema de distribuição que a poesia marginal ganha notoriedade e passa a circular nos mais altos níveis sociais, a década de 1970 ainda é um período regido pelo conservadorismo presente em todas as áreas educacionais, religiosas, artísticas e sociais.

A expressão marginal nos retoma a periferia lugares em que o crime e as drogas estão constantemente presente do dia a dia, e os habitantes são inferiorizados diferente dos moradores das zonas mais desenvolvidas os *bairros de*

*classe média*, no entanto a poesia marginal ela fica a margem da sociedade devido ao seu modelo de produção e sua forma de escrita clandestina, sua resistência não está só nos autores mais nos estudiosos, tornam-se independente, sendo assim, o marginal na escrita e principalmente na poesia era tudo que rompia com a estrutura de escrita convencional da época, aquilo que não seguia os padrões das escolas literárias.

Nomes como de Ana Cristina Cesar, Paulo Leminski, Torquato Neto, Chacal, Francisco Alvin, Cacasso, Roberto Schwarz, Zulmira Ribeiro Tavares, Vera Pedrosa dentre tantos outros, são nomes que revolucionaram o cenário literário na década de 70 com seus poemas, foram poetas que tiveram voz através da escrita frente aos anos de ferros, a censura não os calou mas continuaram a expressar-se de uma maneira única através da poesia.

O objeto de pesquisa a ser estudado no decorrer desse trabalho é a Poesia Marginal, sendo assim, olharemos para um período histórico da literatura e como os escritos contribuíram para evidenciar a censura durante o período de ditatorial. O ano de 1970 foi um marco na história no que referem às produções literárias, produções históricas que ao lermos em primeira instância não percebemos as denúncias presentes no texto, mas se pararmos para analisar veremos que há muito mais que isso.

É nesse contexto que analisaremos a poesia marginal como forma de resistência e crítica e como seu processo de criação influenciou de maneira direta e indireta. Veremos com o movimento Tropicália e CPC (Centro Popular de Cultura) contribuíram para a produção dos poemas marginais, ler poesia marginal seja a do passado ou a atual é relembra e conhecer o abuso de poder que fizeram e fazem parte do nosso cotidiano.

Os versos marginais dos poemas estão cheio de esperança que um dia poderiam se expressar de maneira livre sem se preocuparem de serem cassados, torturados, exiliados e até mesmo mortos. Nesse viés, é notório que a poesia marginal não é só resistência mais é histórico e documental, que estão cheias de sentimento onde a liberdade só era possível através de um papel, caneta e uma escrita clandestina e um sentimento ilusório mais que revolucionou toda uma época e que chegou não só à periferia, mas aos altos níveis sociais, retratando as feridas abertas e as cicatrizes de um povo marcado pelo regime autoritário onde a opressão era quem possuía o livre arbítrio.

No tocante ao processo metodológico, a pesquisa em destaque é de cunho bibliográfico sendo feito um levantamento em livros, artigos científicos, teses, revistas, dissertações e sites da internet, a estrutura teórica é constituída a partir da leitura sobre a poesia marginal dos seguintes autores, Samira Youssef Campedelli que, em seu livro *A Poesia Marginal Dos Anos 70*, busca relatar a influência da poesia, utilizaremos a linha de pensamento de Glauco Mattoso descrito em sua obra *O Que é Marginal?*, no que tange ao conceito sobre marginal e *26 Poetas Hoje*, de Heloisa Buarque Hollanda sua coleção de poemas servirão como ponte para identificarmos traços da resistência nos seguinte poemas que compõem a obra , *O Riso Amarelo do Medo*, de Francisco Alvim e *Grupo Escolar* de Cacaso, analisaremos as denúncias presente nas linhas e entrelinhas dos poemas.

Dessa forma, também foi analisado trabalhos dos mais diversos vieses de produção realizados podemos citar os seguinte estudiosos como Abdala Junior(1995), Alves(2005), Bosi(1936), Favaretto(2000), Fico(2004), Infante(2001), Maciel(1973), Nascimento(2016), Paz(1982), Pereira(1986), Teles E Saflate(2010), dentre outros. Vale ressaltar ainda que a construção deste trabalho partirá do processo metodológico descrito para fundamentação teórica e literária para nortear esta produção.

Analisaremos assim, o período em que a literatura foi crucial no que concerne a repressão artística literária, para que possamos entender a importância da liberdade de expressão através da escrita, uma manifestação de palavras que transcende todos os níveis, um movimento que marca a história da poesia brasileira carregado de fatos e acontecimentos, e porque não dizermos uma poesia marginal documental que evidenciou tudo o que não poderia ser publicado pelas editoras e falado, devido à alta vigilância por parte dos militares.

Apesar de todos os meios de comunicação e publicação estarem sob constante observação e alto controle, vemos que um grupo se posiciona e consegue passar por todo um sistema, levando suas publicações a bares, praças e periferia, a poesia entra como reformadora se impõe contra o conservadorismo e autoritarismo buscando seu espaço, evidenciando que mesmo dos autores marginais pode sair ricas produções cheias de esperança por um futuro prospero.

E para melhor discutirmos a referida temática analisaremos no próximo capítulo o conceito sobre poesia, discutiremos como a Contracultura, Tropicalismo e Desbunde, influenciaram a cultura marginal, nesse sentido buscamos trazer uma contextualização histórica sobre a poesia marginal.

## 2. A POESIA: ETIMOLOGIA DA PALAVRA.

A poesia em toda a sua forma não possui um significado concreto, e de acordo com o dicionário Houaiss (2009), pode ser definida como *a arte de compor ou escrever versos*, a mesma é mutável em sua interpretação. Todavia, não podemos atribuir um conceito único. Devemos compreender que, a poesia não possui o sentido de poema. Poesia é tudo aquilo que é voltado para a linguagem e sua essência, já o poema é concreto, é a junção de palavras sendo classificado quanto à sua formação estrutural. De acordo com Paz (1982):

[...]Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita, ostenta todas as faces, embora exista quem afirme que não tem nenhuma: o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana! Como não reconhecer em cada uma dessas fórmulas o poeta que as justifica e que, ao encarná-las, lhes dá vida? [...]A unidade da poesia só pode ser apreendida através do trato desnudo com o poema.(PAZ,1982,p.15-16)

Segundo o teórico, o poema está ligado à musicalidade que rodeia o mundo fazendo com que toda harmonia nos traga um significado único a cada produção, o poema como literatura concreta precisa ser desvendada em seus mínimos detalhes pois só através desse processo poderemos ver a unidade da poesia em todo seu significado. A palavra poesia possui raiz no latim *poesis*, e no grego *poíesis* tem por significado criar ou fazer, isto é, a poesia é a arte do fazer, em seu livro *O Arco e a Lira* Octavio Paz (1982), traz um conceito do que é poesia em seu sentido geral. A referida definição nos mostra que a poesia é revolucionária fazendo parte do nosso cotidiano, apesar de não ter um significado que podemos definir como concreto é perceptível que o autor nos traz em seu escrito uma das maiores descrições. Assim, contribuindo para a contextualização da poesia.

A poesia é conhecimento, salvação, poder abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a

consciência de ser algo mais que passagem. Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não-dirigido. Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em forma superior; linguagem primitiva. Obediência às regras; criação de outras. Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da Ideia. Loucura, êxtase, logos. Regresso à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. Jogo, trabalho, atividade ascética. Confissão. Experiência inata. Visão, música, símbolo. (PAZ,1982,p.15)

Em relação ao exposto, notamos que a escrita surge com o objetivo de facilitar a comunicação entre os povos, todavia nem todos detinham o conhecimento de ler e entender. A maneira de manifestar o que queria falar nos primórdios era através das pinturas rupestres, é a partir dessa representação que surge a comunicação entre os povos abrindo caminho para que mais tarde surgisse o texto, conto, romance, comedia entre tantos gêneros literários e porque não enfatizarmos a própria poesia.

Segundo Paz (1982), a poesia permeia o campo do real, inconsciente e espiritual, ao mesmo tempo que a poesia é capaz de nos trazer conhecimento ela pode nos levar ao esquecimento do que nos rodeia, tal sentimento de esquecimento pode ser evidenciado pelo fato da poesia nos tirar da zona de conforto e nos leva a magia, a infância, ao espiritual, ao nostálgico e ate mesmo ao vazio. Segundo o teórico a poesia é capaz de revolucionar e transformar o mundo, pois ao escrever o poema o eu lírico traz o concreto e o abstrato do que o rodeia ao longo de sua vida.

Paralelo a isso, é fundamental entendermos que a poesia antes de ser declamada, era cantada estando ligada à música, marcada pela essência do poeta expressava seus sentimentos mais íntimos.

Escrever poesia é trabalhar a língua, é subverter a sintaxe, é falar a alma. Por isso, as primeiras manifestações literárias de um povo costumam ser em versos. Quando não havia escrita, as histórias se contavam em poemas, porque as rimas ajudavam no processo de memorização e facilitava a transmissão da cultura, de geração a geração. A perpetuação da ficção da comunidade ágrafa e da sua cultura – essa terá sido a primeira função da poesia.(CARVALHO,2005,p.55)

Como afirma a autor, a poesia possui um papel importante no que tange ao fator comunicação sendo facilitadora nesse percurso de transmissão de informações, por possuir ritmo e musicalidade, nasce nos tempos passados com um valor artístico inestimável, apesar de ser declamada ou cantada nem todos tinham acesso a tal recurso de ver a poesia escrita em um papel. Nessa perspectiva, traz consigo uma visão sentimentalista e social, enriquecendo a literatura, a poesia evidência aquilo que o poeta esta transmitindo como suas vivências, o eu lírico



sempre busca relatar em seus versos os amores não correspondidos, desejos proibidos, alegrias e porque não seus sentimentos mais obscuros, utilizando-se das figuras de linguagem e principalmente da metáfora para que somente o leitor que se aproximasse da interpretação real, ou seja, chegar ao íntimo das palavras fosse capaz de compreender.

Para o poeta, a poesia não está no assunto do poema, mas nas palavras. As palavras como podemos inferir, remetem ao assunto e são elas que devem ser trabalhadas pelo poeta, em seu “ofício” de escritor. Essa consciência artesanal do poema foi um traço marcante do terceiro período do modernismo brasileiro. (ABDALA JUNIOR, 1995,p.88)

Para o poeta, o papel é uma tela em branco assim como para um pintor, é nessa tela, que ao invés de desenhar figuras, o poeta escreve, há uma imagem visual formada de antemão. Logo, é impossível escrever sem imaginar um contexto ou ter vivenciado, é um momento ímpar onde todo o mundo a sua volta parece não existir, voltando-se para a produção de sua arte escrita, suas vivências, sonhos, anseios e inspirações.

A poesia é uma obra que pode ser submetida a um processo de análise e compreensão, mas jamais substituída. Em outras palavras: podemos desenvolver nossa sensibilidade por meio de um aprendizado sobre as coisas da pintura ou da poesia, mas nunca imaginar que nossas atividades analíticas sejam capazes de tomar lugar da tela ou do texto poético. (INFANTE,2001,p.32)

Apesar das inúmeras análises que a poesia pode ser submetida, podemos dizer que isso não invalida o seu sentido autoral a emoção que o eu lírico colocou em suas linhas, cada leitor possui visões e interpretações diferentes. Por isso, a sensibilidade como coloca Infante (2001), permanece como algo que não pode ser tirado, sua essência poética. Portanto, o fazer poético é a capacidade que o poeta tem de expressar-se de maneira pura levando em consideração aquilo que passa em seus mais íntimos pensamentos.

É importante lembrar também que, a poesia brasileira é diversificada devido ao processo de colonização. Provavelmente seu surgimento deu-se através dos padres jesuítas, com o padre Jose de Anchieta das ilhas Canárias que evidenciava sua fé através da escrita em versos à virgem Maria. Naquela época, o sagrado e o escrito andavam lado a lado, era a igreja que possuía as maiores literaturas. Esses poetas tinham enraizado em seus escritos traços da cultura europeia, conforme escreveu Abdalar Junior (1995).

A cultura brasileira é igualmente diversificada e, além disso, o poeta é atraído por valores que o ligam à Europa ou ao povo brasileiro. Em consequência, as “sensações renascem de si mesmas sem repouso”, tal a vitalidade da nossa cultura formada por pedaços (deglutidos) de várias culturas. (ABDALA JUNIOR, 1995, p.81)

A poesia faz parte da história como facilitadora no processo de comunicação, e aborda em seus versos um processo histórico que perpassa por diversas gerações e culturas, nos trazendo ao pensamento seu surreal valor literário. Sua interpretação múltipla tende a trazer o leitor o mais próximo para a sua realidade. Além disso, é passado mais também é atualidade, seus versos podem expressar algo que não poderemos compreender somente quem escreveu.

Há uma densidade nos versos de um poema, pois são carregados de marcas pessoais do eu lírico, possuindo um teor imaginário e é a partir desse fator que o poeta trabalha em nossas mente, nascida do cotidiano a poesia transmite inúmeros fatos que permearam a vida do eu lírico. O paradoxo que tem entre poesia e a vivência do poeta, seus sonhos e a sociedade que o rodeia mostra que ela vai além do senso comum.

A experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizada no corpo. A imagem é afim à sensação visual. O ser vivo tem a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. A imagem é um modo da presença que tende a supri o contacto direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós. O ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência: primeiro e fatal intervalo. (BOSI, 1977, p.13)

De acordo com a interpelação acima, o processo do fazer poético ou fazer poesia, é marcado pelo princípio da imagem é onde o eu lírico retoma algo visto previamente, em outras palavras, é formação de uma imagem idealizada no subconsciente do poeta sendo o começo do seu processo de criação, podemos observar que o teórico nos relata a comparação das características do ser humano com a natureza, ou seja, é a realidade contracenando com o criativo passando a se tornar material escrito, as palavras utilizadas despertam o leitor, e o aproximar do concreto mais ao mesmo tempo faz com que a imaginação o leve para o ambiente em que o poeta estava pensando naquele momento.

Em tempos de aguda autoconsciência, a poesia mutua com o seu meio uma lucidez nova que adelgaça a sua carne e deixa transparecer uma armação óssea. Ela se dispõe, então, ao lado de um pensamento que analisa enquanto imagina, abstrai enquanto forma, depura enquanto cria. Sua

matéria passa da aristotélica "imitação das ações humanas" ao "impossível crível", fórmula viquiana e barroca do verossímil: produto da imaginação que, nem por isso, deverá ser exorcizado com o selo do absurdo.(BOSI,1977,p.211)

A poesia, com o passar dos anos, vem sendo estímulo para muitos, os versos poéticos contém fatos históricos que remontam o passado, os poetas buscam despertar através dos seus escritos aqueles que estão cegos e não conseguem ver o que está a sua frente, possuindo um teor social, visto que seu ritmo e sua musicalidade facilitam o guardar em nosso consciente, sendo algo que fica marcado na memória daquele que escuta.

Por conseguinte, escrever poesia é se comunicar com a sabedoria externa e interna, ambas estão interligadas devendo conter o lado humano e o superficial aquilo que só pode ser encontrado no mundo fora dos pensamentos é assim que ela entra em nossas mentes traz consigo o que vivemos e mistura com aquilo que sentimos como afirma Bosi(1977,p.206) “O trabalho mais sublime da poesia é dar senso e paixão às coisas sem sentido”. Ela entra onde não tem sentido e realiza o seu trabalho, despertando nossa forma de pensar.

E para melhor discutirmos sobre os movimentos que contribuíram de forma direta e indiretamente na poesia marginal, apresentaremos no tópico a seguir como a Contracultura, Tropicalismo e o Desbunde influenciaram a poesia marginal, e o contexto social frente à ditadura militar.

## 2.1.MOVIMENTOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA POESIA MARGINAL: CONTRACULTURA, TROPICALISMO E DESBUNDE.

Os movimentos de contracultura nascem nos Estados Unidos e percorrem todos os países Europeus até chegar ao Brasil, é importante ressaltarmos que houve uma repercussão em todo o mundo, a figura do jovem é o principal símbolo, significando força e levando em consideração a *rebeldia*. Os anos de 1960 a 1970 são marcados por eventos sociais e políticos, e pelas mobilizações contra culturais. Os adeptos à cultura reformulada tinham como intuito o posicionar-se ao governo por meio da arte, os *hippies* com o modo de vida voltado pra a sexualidade, o modo de falar por meio das gírias e consumo de drogas, vemos o verdadeiro estilo da vida alternativa, sem regras.

[...] “De outro lado, o mesmo termo (contracultura) pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às forças mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. Um tipo de crítica anárquica – esta parece ser a palavra-chave – que, de certa maneira, rompe com as regras do jogo em termos de modo de se fazer oposição a uma determinada situação. [...] Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos, em diferentes épocas e situações, e costuma ter um papel fortemente revigorador da crítica social.”(PEREIRA,1986,p.20 e 22)

De acordo com a discussão acima, são notórios os conceitos de Pereira (1986), sobre contracultura acentua que pode ir de um conceito mais amplo até uma ordem dominante, tendo como característica a crítica social. A geração *beat*<sup>1</sup> é caracterizada por um grupo de jovens norte-americanos que tinha como público escritores e poetas, a literatura produzida por esse grupo era voltada principalmente para o contexto social jovem, ou seja, tudo que envolvia a juventude da época. Outro ponto relevante é que a contracultura foi marcada principalmente pelas manifestações culturais e artísticas, voltadas para as diversas áreas tendo como marco o modo de contestar os modos do sistema, fugindo das posições ideológicas vigentes, Maciel(1973):

[...]Uma das coisas mais interessantes sobre a chamada contracultura é que, fracassada ou não, ela se desenvolve muito à margem da palavra escrita, e principalmente impressa. Os hippies, tentando recuperar o que foi perdido pela civilização ocidental, revalorizam com energia intuitiva a tradição oral. Os saques, os toques, etc, vão passando de boca-a-boca. Isso talvez seja menos verdade nos Estados Unidos, onde existe uma já poderosa imprensa underground operando com bastante liberdade (MACIEL,1973,p.105)

Sobre essa racionalização, é perceptível pensar que a contracultura se desenvolve a margem do contexto, da escrita e da imprensa, tonando-se um movimento independente. Outro sim, podemos perceber que segundo o teórico, o movimento *hippie* possui ideias de um estilo de vida alternativa assim como a contracultura passando a valorizar o modo de vida intuitivo, ou seja, padrão alternativo, baseado na vida livre sem obedecer às regras pautadas no viés tradicionalista.

---

<sup>1</sup> Geração Beat, formado por um grupo de escritores a geração beat vem para revolucionar o modo de pensamento, os Beats trazem uma poesia reformulada fora das normas estabelecidas. É um movimento que tem início com jovens norte-americanos buscando lutar contra o formalismo e o puritanismo, suas poesias formadas por gírias, sem pontuações, linguagens informais influenciaram na sociedade pós-segunda Guerra Mundial tirando a poesia da formalidade e do clássico.

O CPC (Centro Popular Cultural) surge com o intuito de levar uma arte revolucionária passando a estar ligado com a população, tendo como principais representantes o dramaturgo Oduvaldo Viana Filho, o cineasta Leon Hirszman e o sociólogo Carlos Estevam Martins. Esse movimento se caracteriza por sua ideologia política tendo como público alvo o meio acadêmico, buscando colocar em evidência o contexto educacional e reafirmando o contexto nacionalista trazendo à tona a realidade brasileira, nesse mesmo viés entre os anos de 1968 e 1967 surge o Tropicalismo trazendo consigo uma liberdade marcando diversas áreas artísticas.

Já o movimento tropicália, surge na década de 1960, em que o Brasil passa a ter uma grande exposição artística, abrangendo principalmente o cenário musical. Hélio Oiticica foi um dos precursores desse movimento, com a exposição *Nova Objetividade Brasileira* no museu de Arte moderna do Rio de Janeiro apresentando o que veio chamar de *parangolés*. No entanto, a peça acaba sendo denominada *Tropicália* com a influência das vanguardas europeias, tanto o pop nacional quanto estrangeiro, ficam em alta ocorrendo uma mistura de culturas no país, destacando fatores que influenciaram o campo artístico no país. De acordo com Favareto (2000), o tropicalismo buscou evidenciar os mitos urbanos e retratar o cenário popular.

Além disso, o tropicalismo tinha em comum com o pop o interesse de problematizar os comportamentos e a linguagem antitradicionalistas de uma área determinada da juventude - os universitários saídos, em grande parte, da classe média. O tropicalismo não fugiu à regra: não tematizou o popular; explorou os mitos urbanos. (FAVARETO, 2000, p.49)

Como a poesia possuir *ritmo*, se junta ao tropicalismo fazendo a união entre música e poesia, conforme explica Celso (2000):

O tropicalismo efetuou a síntese de música e poesia, relação que vinha se fazendo desde o modernismo, embora raramente conseguia, pois a ênfase recaía ora sobre o texto ora sobre a melodia. Por ser inseparável musical e verbal, é difícil tanto compor a canção como analisá-la. Ela remete a diferentes códigos e, ao mesmo tempo, apresenta uma unidade que ultrapassa: como não é um poema musicado, o texto não pode ser examinado em si, independente da melodia - se isso for feito, pode-se ter quando muito, uma análise temática. (FAVARETO, 2000, p.32-33)

Fundamentado nessa compreensão, o ritmo poético está ligado à musicalidade, as canções são poemas rítmicos, no tropicalismo eles fizeram a união do concreto e harmonia, ao analisar a canções desse movimento vemos que essa aliança, retrata características da poesia concreta, mergulhando na tropicália.

As canções tropicalistas possuem uma ligação indireta nas construções da poesia concreta segundo Favareto(2000,p.51) utiliza-se: “(*sintaxe não discursiva, verbi-voco-visualidade, concisão vocabula*)”, percorrendo assim o âmbito pessoal, social e histórico, buscando retratar o máximo possível de informações fazendo uso das palavras

Com os movimentos de contracultura e tropicalismo, vem em sua conjuntura o desbunde, uma cultura voltada ao estilo de vida alternativo. O desbunde era uma característica atribuída às pessoas que se opunham à forma cultural do estado, aqueles que buscaram se impor ao regime autoritário, possuindo um estilo de vida livre: como uso das drogas, as vestimentas fora do padrão, consumo de drogas eram alternativos em sua forma de vida.

E a experiência da loucura não é uma atitude apenas “literária” como foi por tanto tempo na nossa história da literatura. Nesse momento, a partir da radicalização do uso de tóxicos e da exacerbação das experiências sensoriais e emocionais, vimos um sem número de casos de internamento, desintegrações e até suicídios bem pouco literários. Essa alta incidência de entradas em hospitais – e isto é sério – é um dos pontos de diferença entre a atitude vanguardista, prudente e “artística”, e os pós-tropicalistas que levavam suas opções estéticas para o centro mesmo de suas experiências existenciais (HOLLANDA,1980,p.69)

Podemos observar que, segundo com a autora, a *radicalização do uso de tóxicos e da exacerbação das experiências sensoriais e emocionais* torna-se algo do desbunde, a vida vista pelo agora levava aos adeptos desse movimento a vivenciarem as mais altas loucuras, caracterizando pelo uso excessivo de droga quando a mesma pontua que há uma entrada de pessoas aos ambientes hospitalares a partir desse contexto, surge o termo *marginal*.

## 2.2. POESIA MARGINAL: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.

A poesia marginal surge em um período de instabilidade política e social na história brasileira, é nesse período que a palavra democracia perde seu significado social e é instaurado um período de repressão nomeado de ditadura militar. De acordo com Safatle e Teles, toda essa intervenção para muitos civis foi considerada um movimento de restauração no país. No entanto, o que seria apenas alguns dias, perpetua-se por 21 anos.

Em 1964, este padrão intervencionista alterou-se. Civis imaginaram que os militares, mais uma vez, fariam uma intervenção cirúrgica, restabeleceriam a

ordem e voltariam para os quartéis. Foram surpreendidos. As Forças Armadas não apenas deixaram de retornar aos quartéis como permaneceram no governo por 21 anos, um recorde na história brasileira. (TELES E SAFATLES,2010,p.43)

A inconsistência governamental por parte daquele a quem foi confiado o poder é evidente, com a renúncia de Jânio Quadro, João Goulart assume a presidência do Brasil e em abril 1964, os militares o tiram do poder com o apoio cidadãos, assumindo o comando do país o general Humberto de Alencar Castello Branco sendo o primeiro militar a assumir um cargo do alto escalão, um sentimento de nacionalismo toma conta da sociedade, no entanto não se imaginava que tal alegria seria transformar em tristeza e que vivenciariam o um dos períodos mais obscuro que o país já vivenciou.

O então atual presidente do Brasil, general Humberto de Alencar Castello Branco, implanta em seu governo medidas radicais, mostrando a transformação do que deveria ser uma intervenção militar passa a ser implantada uma ditadura, veremos alguma medida tomada por Castelo Branco:

Proibiu atividades políticas dos estudantes; decretou o AI-2; não logrou impedir que militares radicais conquistassem poder político; ajudou a redigir e assinou a Lei de Segurança Nacional que instituiu a noção de “guerra interna”; fechou o Congresso Nacional e decretou uma Lei de Imprensa restritiva. Além de tudo, foi conivente com a tortura, que já era praticada nos primeiros momentos após o golpe (é costume afirmar-se que a tortura só se tornaria frequente no pós-68).(FICO,2004,p.33)

Os primeiros anos do regime militar não foram considerados violentos, pois permanecia a instabilidade de um país que acabará de passar por diversos acontecimentos no âmbito político, com as diversas manifestações contra o governo militar eles passam a implantar atos inconstitucionais (AI), o mais conhecido foi o AI nº05, que em suma dava total direito ao regime, derrubando a democracia mais uma vez.

O Ato Institucional Nº 5 marca o fim da primeira fase de institucionalização do Estado de Segurança Nacional, do estágio de lançamento de suas bases. O caráter permanente dos controles a ele incorporados deu origem a um novo período em que o modelo de desenvolvimento econômico podia ser plenamente aplicado, enquanto o Aparato Repressivo buscava a Segurança Interna absoluta, impedindo a dissensão organizada contra as políticas econômicas e sociais do governo. O Ato Institucional Nº 5 forneceria assim o quadro legal para profundas transformações estruturais. (ALVES,1984,p.135-136)

Os atos institucionais vieram para estabelecer um período de censura e repressão, todo o contexto politizado abre margem para inúmeras manifestações no âmbito artístico e social, a insatisfação devido as regras impostas é nítida em toda a sociedade por meio dos inúmeros movimentos que surgem, é nesse cenário que a poesia marginal ganha espaço. O movimento de contracultura vem para romper com os paradigmas conservadores, os hippies são uma figura clássica de como deveria ser o comportamento dos que aderiram à nova forma de viver, o estilo de vida alternativo voltado para liberdade.

Com a repressão política na década de 60, a poesia marginal solidifica-se na década de 70 ela sofre influências do tropicalismo e do CPC (Centro Popular de Cultural) movimentos que tinham como objetivo a conscientizar a população a respeito do que permeava a sociedade tendo um caráter revolucionário, no entanto vale pontuar que esses movimentos não possuem características de manifestação política. Todavia, falavam dos mais diversos assuntos, segundo Mattoso (1982), a poesia marginal surge depois do tropicalismo, porém sempre se falou de marginalização.

Historicamente, não se ouve falar de poesia marginal antes do tropicalismo, no final da década de 60. Claro que sempre se falou da marginalização do autor novo e anônimo face à crítica e ao mercado editorial, e sabe-se que muitos poetas hoje canonizados tiveram que imprimir e distribuir por conta própria seus primeiros livros[...] (MATTOSO, 1981, p.19)

O conceito de marginalia aparece no ano de 1968, com o poema de Hélio Oiticica que diz *Seja marginal, seja herói* uma bandeira do movimento passa a existir, já o termo *marginal* sempre esteve presente em todas as esferas caracterizando uma pessoa inferior que vive na favela, ou seja, aquele que vive à margem da sociedade, que não possui posse, envolvido assim pela marginalidade do ambiente que o rodeia. Assim a expressão é explicada pela professora e escritora Heloisa Buarque de Holanda (2017). Segundo a autora não podemos caracterizar alguém que não age ou viva dentro dos padrões sociais e educacionais estabelecidos pela lei, como marginal, tal palavra se refere na década de 70 aos escritores que não conseguiram ingressar suas obras nas grandes editoras.

Do ponto de vista literário, marginal seria toda a poesia que se afasta dos modelos reconhecidos pelos críticos e professores, pelo público leitor e, conseqüentemente, pelos editores. Nesse sentido, o experimentalismo das vanguardas é a mais marginal de todas as propostas, e a poesia marginal



deixaria de ser um fenômeno característico da década de 70 para remontar aos anos 50 e ao concretismo. (MATTOSO,1981,p.31)

Ao ficarem reconhecidos como geração mimeógrafo pela sua forma de produção e propagação alternativa, os autores da década de 70 utilizavam-se do mimeógrafo para produzir suas literaturas, nesse período além de haver forte vigilância por parte do estado nas editoras à linguagem dos escritores marginais era simples e adequada do falar livre sem regras, o que diferencia os escritos desse período, pois facilitava a compreensão e a inserção das palavras escritas no ambiente social.

No entanto, a poesia que os jovens poetas apresentaram distribuída de mão em mão impressa mimeógrafo, declamada em bate-papos de botecos, foi extremamente atenta às crises político existentes da história de seu tempo e redimensionou um contexto démodé de poeta, visto como alguém recolhido, sofrido e abatido.(CAMPEDELLI,1995,p.11)

As escritas marginais eram focadas na linguagem coloquial e nas gírias, os poetas buscavam abordar assuntos sobre o sexo, drogas, política, dentre outros. Os autores não possuíam a preocupação de seguir com a estética estabelecida pelas escolas literária fugindo dos padrões estabelecidos pelo cânone literário, e as regras do fazer poético, o contexto do dia a dia tratado na poesia abre espaço para uma nova maneira de vê-la.

O período do Regime Militar, no Brasil, (1964-1984) foi o período de maior repressão, porém mesmo assim podemos dizer que foi o mais brilhante no que concerne a criatividade cultural. A poesia marginal traz em seu contexto um padrão testemunhal relatando a resistência em suas palavras no que se refere ao histórico-social, assim, as discussões políticas entram nas áreas como teatro, música, literatura, cinema lugares onde os ideais eram discutidos.

São os ditos *marginais* que constroem a literatura desse período, ou seja, o autor que não estivesse regido sobre as normativas das criações tradicionais era considerado marginal, esses escritores veem suas obras jogadas de lado pela sociedade e encontram na contracultura e no desbunde um abrigo os traços alternativos desses movimentos influenciam na produção e propagação de seus escritos, distribuem suas obras por conta própria.

Analisar o processo artístico da poesia marginal, reconhecendo sua característica alternativa, artesanal e em materiais não convencionais,[...]O lugar social ocupado pelos poetas, a experiência histórica em tempos de

ditadura civil-militar, a opção existencial da contracultura e a proposta estética da marginália parecem ser caminhos fundamentais para discutir sobre a geração da poesia marginal, contribuindo para compreendê-la enquanto um movimento histórico pertencente aos debates da década de 1970.(NASCIMENTO,2016,p.17)

Podemos notar que, sobre a racionalização do autor é possível analisar todo o percurso da poesia marginal é crucial tanto para a literatura quanto para a história, uma vez que a experiência relatada do poeta que escreve na década de 70, em um período que a censura esta em evidência. Dessa forma podemos atribuir características diversas ao poeta marginal, autor, editor e vendedor, pois eles eram um símbolo de resistência não só em sua poesia mais também no modo de propagação da mesma, contudo vale salientar que a obra marginal não é só aquela mimeografada, nessa poesia produzida a margem toda produção que eram consideradas ordinárias passam a ser verdadeiras obras de artes.

Logo, abordaremos a seguir, a contextualização histórico-literária da década de 70, já que a literatura foi crucial para expor a crítica utilizando-se do mecanismo da escrita para resistir à censura imposta pelos militares.

### 3-CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA DO BRASIL NA DÉCADA DE 70.

A história da literatura tem início na colonização do Brasil, com a chegada de Portugal a terras brasileiras. Surgem os primeiros escritos no país representados pelos documentos históricos, diários e cartas, um dos mais conhecidos e que dar início à literatura no Brasil é a carta escrita pelo escrivão português Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manoel, em que descrevia a beleza das terras brasileiras, marcando o início das produções literárias.

Chegando ao Brasil, os Portugueses encontram os índios habitando nessas terras e apesar de possuírem sua cultura e uma língua, não possuíam uma literatura escrita, passando a serem considerados ágrafos. Diante disso, surge uma oportunidade para a igreja católica catequizar os índios formalizando uma única língua facilitando a comunicação.

É preciso imaginar o que era o Brasil no século XVI, para ter uma idéia do que poderia significar a literatura transplantada de Portugal. Uma vasta extensão de terras quase totalmente desconhecidas, [...]habitada por indígenas que pareciam [...].Uma natureza selvática e exuberante, cheia de animais e vegetais insólitos, formando um espaço que ao mesmo tempo aterrorizava e deslumbrava o europeu.[...](CANDIDO,1999,p.17)

De acordo como estudioso é notório imaginar que uma literatura pudesse fazer parte de todo o território brasileiro é uma ideia que não cabia dentro do contexto atual, uma terra com um vasto território desconhecido, povos com costume, língua e cultura diferentes, é um desafio para os colonizadores. Nessa perspectiva, a literatura possui inúmeras definições podendo ser chamada de escolas literárias, período literário, estilo de época ou movimentos literários, todavia ela vai muito mais além. E sobre essa óptica Veríssimo (1915), atribui duas divisões a literatura brasileira:

As duas únicas divisões que legitimamente se podem fazer no desenvolvimento da literatura brasileira, são, pois, as mesmas da nossa história como povo: período colonial e período nacional. [...]. No primeiro período, o colonial, toda a divisão que não seja apenas didática ou meramente cronológica, isto é, toda a divisão sistemática, parece-me arbitrária.[...]no segundo período, o nacional. Independente e constituído, desenvolvendo-se menos adstrito à exclusiva influência da Metrópole e ao seu absorvente predomínio, entra o país a experimentar o influxo de outras e melhores culturas, sofre novos contatos e reações, que são outros tantos estímulos da sua inteligência e capacidade literária. [...](VEÍRSSIMO,1915,p.05-06)

Vemos que o autor nos relata que a literatura brasileira pode ser dividida em dois períodos: o colonial e o nacional, trazendo nesses dois vieses o período da literatura em que teve grande influência do modo de produção portuguesa e a literatura reformulada buscando evidenciar traços culturais próprios. Nesse sentido, os primeiros escritores em terras brasileiras foram os portugueses sendo considerada uma escrita *colonial* por conter traços dos colonizadores tais como a estrutura e a estética sofrendo influência, principalmente, do renascimento, movimento que imperava na época, influenciando na arte e na literatura.

Isto é dito para destacar uma das funções da literatura culta no Brasil Colonial; impor a língua portuguesa e registrá-la em escritos que ficassem como marcos, ressaltando a sua dignidade de idioma dos senhores, ao qual todos deveriam submeter-se, como afinal acabou acontecendo. A não ser o caso das tribos indígenas sobreviventes, e de alguma persistência da língua geral na Amazônia, os idiomas indígenas foram proscritos, assim como os africanos, que vieram com a importação de escravos. Trata-se de um verdadeiro processo de dominação lingüística, aspecto da dominação política, no qual a literatura culta, repito, desempenhou papel importante.[...](CANDIDO,1999,p.19)

De acordo com Candido(1999), há uma implantação linguística para que todos falassem conforme o colonizador. Contudo, a literatura se divide em inúmeras escolas literária, temos em primeira instância as que fazem parte do período colonial como Quinhentismo (de 1500 a 1601); Barroco (de 1601 a 1768);Arcadismo (de 1768 a 1808), há um período de transição que vai de 1808 a 1836, depois dele entramos na era nacional com Romantismo (de 1836 a 1881); Realismo (de 1881 a 1893); Simbolismo (de 1893 a 1922); Modernismo (de 1922 a 1945); e hoje estamos nas tendências contemporâneas.

Convém assinalar que a literatura brasileira no século XX se divide quase naturalmente em três etapas: a primeira vai de 1900 a 1922, a segunda de 1922 a 1945 e a terceira começa em 1945. A primeira etapa pertence organicamente ao período que se poderia chamar pós-romântico e vai, grosso modo, de 1880 a 1922, enquanto as duas outras integram um período novo, em que ainda vivemos: sob este ponto de vista, o século literário começa para nós com o Modernismo.(CANDIDO,2006,p.120)

A literatura Brasileira foi estruturada sobre a influência de muitas culturas e línguas, e com o tempo desenvolveu traços nacionalistas. Será discutida a literatura na década de 70, bem como o contexto político existente e a forma de produção e como a literatura circulava. Os anos da ditadura militar no Brasil tem

início em 1964, com o golpe ao então presidente João Goulart, os militares passam assumir o poder de todo o país.

Com o regime militar em evidência, o sentimento nacionalista retorna ao coração de todos os cidadãos, no entanto aquilo que parecia felicidade tornara-se tristeza, os primeiros anos o Brasil veio a prosperar economicamente, todavia é a partir de 1968 com a implantação do AI-5 vem à tona os anos mais sombrios do período ditatorial, toda a liberdade é tirada principalmente dos meios artísticos por 21 um ano o país é regido pelos militares, de acordo com Neto(2014) o regime acabou de configurando nos primeiros momento como algo grande e de mudança no entanto, as arbitrariedade fizeram com que declinassem.

O regime se configurou como ditadura dos seus momentos iniciais ao seu declínio e à sua derrota: impôs-se abertamente pela força das armas, valeu-se diretamente da coerção e da violência, restringiu ao limite os direitos políticos mais elementares, impediu a alternância no poder e no governo, criminalizou a atividade oposicionista, tornou o terror uma política de Estado, feriu os direitos humanos fundamentais e renegou tanto as instituições jurídicas reconhecidas consensualmente como democráticas e legítimas quanto a sua própria retórica (suas promessas e seus compromissos públicos). Foi, na sua forma e no seu conteúdo, a mais longa e a mais brutal das ditaduras brasileiras[...].(NETO,2014,p.73)

A produção literária passa por um período sombrio, todavia é nesse período que surgem inúmeras literaturas de resistência, com o objetivo de conscientizar a população sobre o atual cenário político e social no país, literatura marginalizada era chama aquela produzida e divulgada a margem da sociedade utilizava-se de uma linguagem popular e sua maneira de produção não era nas grandes editoras. Os escritores da década de 70 vivem em constantemente apreensivos.

O cenário das artes, literatura, televisões, cinema, música, rádio produções que possuem um alcance maior estava a todo o momento em observação a censura estava em evidência. Nem toda literatura poderia ser publicado, músicas cantadas ou ir para as telas filmes, telenovelas e notícias jornalísticas, sem a fiscalização dos militares, conteúdo artístico que tivesse oposição ao governo era censurado, e o produtor poderia sofrer consequências como o exílio, tortura e a morte, uma vez que a sociedade vivia sobre a atmosfera da ditadura civil militar não possuíam o direito de expressar-se.

A literatura, nesse contexto, surge como um escape, apesar das editoras estarem sobre a vigilância e não tinham liberdade de publicar tudo o que era escrito. É a partir desse momento que surgem o então modelo de produção

alternativa feito pelos próprios escritores, utilizavam-se do mimeógrafo para reproduzir seus textos, além disso, o modelo de distribuição era marginal vendiam em bares, praças, ruas, teatros e em todos os lugares em que tinham acesso chegando até aos mais altos níveis da sociedade. Para Campedelli(1995), o modelo de produção alternativo era usado contra o “sufoco da censura e repressão” instalados no Brasil. Assim a década de 70 foi uma das mais brilhantes no que tange ao cenário de produção.

[...]mimeógrafo generation, geração-macro de uma época em que para atingir o alvo e se fazer chegar ao público o poeta tinha que imprimir o seu texto em mimeógrafo, em pleno império da tecnologia. Trata-se dos inícios dos anos 70, quando um enorme e heterogêneo contingente de poetas investiu-usando como armas os seus versos - contra o sufoco da censura e repressão implantadas no Brasil a partir de 1964. (CAMPEDELLI,1995,p.10)

As produções literárias instigam sempre a pensar, criticar e ver os problemas existentes tendo grande influencia na formação de opiniões do pensamento social, as produções tratam-se de registros seja histórico ou sobre a maneira de produções, a organização de sua estrutura, e a linguagem utilizada em seu escritos. Levar a sociedade a pensar era de grande importância, mas com censura a todo o momento presente leva os escritores a temerem por si e seus familiares, as arbitrariedades dos militares causavam espanto à sociedade.

O discurso proferido pelos militares retoma ao povo a esperança de que a nacionalidade voltasse a ficar em evidência, quando a sociedade por si só não é capaz de discernir as ideias e pensar de maneira crítica é fácil ludibria-los com palavras bonitas e frase bem montadas dizendo apenas aquilo que querem escutar. Paralelo a isso Foucault (1996) pontua o discurso dentro da sociedade:

[...]suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.(FOUCAULT,1996,p.8-9)

Sobre essa racionalização, o teórico acentua que a produção do discurso que ocorre dentro do meio social, influencia na tomada de decisões quando o mesmo tem como característica principal o controle é perceptível que há uma organização de ideias que defendidas por aquele que iram escutar, ou seja, assim que o emissor organiza as informações e começa a proferir o que é satisfatório

para o receptor sendo uma maneira de comunicar a forma de pensar. Os militares utilizam-se da estratégia de apropriação princípios defendidos levantando a mesma bandeira dos cidadãos e ganhando apoio popular.

A década de 70, portanto, revela-se como um espaço fértil onde se manifesta uma série de vertentes, de “modelos”, para que se produza a literatura. Devido a esta imensidão de propostas, de correntes que convivem em um espaço-tempo, é estabelecida certa semelhança desta fase com o impacto provocado na arte brasileira pela Semana de Arte Moderna, em 1922.(NASCIMENTO,2015,p.139)

Apesar da constante censura a literatura, modifica o cenário utilizando-se das figuras de linguagem e muitas das vezes mascarando os textos para que além dos padrões de escrita, também possuísse uma crítica, os escritores marginais foram considerados heróis, dessa forma os escritos são universais tendo uma função informativa relatando o que aconteceu em 1970.

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.(CANDIDO,2006,p.84)

O sistema literário é constituído a partir daquilo que o leitor quer ler, e a obra é um produto como nos relata Candido(2006) é notório que com a revolução da população frente ao regime surge um gosto pela literatura e principalmente aquela que tinha como objetivo informativo, o que acaba juntando o desejo dos autores de produzirem e publicarem suas ideias e opiniões o desejo de consumir a informação mesmo que de maneira metaforizada.

Por essa razão, no tópico a seguir discutiremos a literatura como arte de resistência dentro da década de 70, sendo uma ferramenta de grande importância para a crítica social e política.

### 3.1.A LITERATURA COMO ARTE DE RESISTÊNCIA NA DÉCADA DE 70.

A literatura surge na década de 70 como meio de resistência buscando evidências as críticas ao regime essa literatura sofre influência dos mais diversos movimentos como CPC, Tropicalismo e a contracultura, ela surge com o intuito de

conscientizar. O conceito de marginalia aparece no ano de 1968, com o poema de Hélio Oiticica que diz “Seja marginal, seja herói” uma bandeira do movimento passa a existir é a partir desse momento que a literatura marginal passa a ter notoriedade.

O campo literário é extenso em seu contexto histórico e documental, o uso da língua a estrutura tudo leva o leitor mergulhar cada vez mais nas palavras e imaginar o cenário que foi escrito. O período ditatorial instiga os autores a escreverem de maneira crítica e se posicionando contra ideias de pensamentos disseminadas na população pelos militares.

A descoberta assustada e indignada da violência do poder é a principal característica temática da literatura brasileira pós-64. São tematizadas as várias origens do poder, na sociedade ocidental; [...] reflete-se sobre suas formas globais e centralizadas, como também sobre seus esfarelamentos em infinitas partículas moleculares pelo cotidiano. A abrangência do poder repressor e vingativo pode ser total ou localizada, conseguindo eficazmente neutralizar os assaltos que lhe são feitos pela razão crítica e pelas grandes questões do século. (SANTIAGO,2002,p.19)

Para o teórico, o poder usado de maneira violenta é o principal tema criticado pelos escritores, com a ditadura pós-64 a maneira de governo era centraliza na força e não no dialogo levando ao surgimento de uma literatura reformulada aquilo que antes era descrito o ficcional, passa a ser escrito o real, portanto a censura, a repressão e o abuso por parte dos governantes e por parte daqueles que deviam nos proteger. Relatando a maneira como o país estava sendo conduzido, vejamos:

Colocar corretamente a questão do poder (e isso foi o que o melhor da produção literária fez) já é investir contra os muros que se ergueram impedindo que o cidadão raciocinasse e atuasse, constituísse o seu espaço de ação e levantasse a sua voz de afirmações (SANTIAGO,2002,p.19)

Os escritores da década de 70 tem um desafio enorme no que trata ao contexto de seus textos. As editoras não poderiam produzir de maneira livre, o que dificulta a circulação do pensamento, é evidente que a ditadura deixou uma marca na literatura durante os 21 anos que o regime se estabeleceu no país. Sendo assim, o principal objetivo da literatura no que tange a resistência era criticar, relatar e expor aquilo que todos vinham sofrendo naquele momento, a escrita foi um grito de liberdade em que encontram forças para prosseguirem.

A censura provoca um efeito colateral, que ademais, poupa-lhe demasiado trabalho. A partir do momento em que os intelectuais se vêm obrigados a filtrar sua arte, a ter que moldá-la ao meio opressor, surge, mesmo que inconscientemente, uma barreira à criação, que advém da certeza de que



sua obra será filtrada, ou melhor, não passará pela censura. Desta forma, percebemos dois filtros que retiram do artista sua liberdade de criação: o primeiro é o externo a ele, e diz respeito à conjuntura em que o criador está inserido. Doravante outro empecilho aparece não mais externo, mas interno, que abrange as faculdades de quem, porventura, se dispunha a criar, a isto se denomina autocensura. (NASCIMENTO, 2015, p. 134)

A escrita literária busca evidenciar aquilo pelo qual o autor está passando e na década de 70 não é diferente. A repressão intelectual onde os autores eram privados de expor seus pensamentos e viver sob constante vigilância torna esse um dos piores momentos para os intelectuais, que não podiam expressar aquilo que estava em seus pensamentos, um período de grandes produções e muitas censuradas pelos militares. Vemos que a literatura de resistência ganha espaço na sociedade mostrando que as palavras podem despertar um povo adormecido.

Nos tópicos a seguir, discutiremos como a poesia marginal foi indispensável na década de 70, como meio de resistência e crítica social, bem como analisaremos dois poemas *O Riso Amarelo do Medo* do poeta Francisco Alvim e *Grupo Escolar* escrito por Cacaso presente na Antologia 26 Poetas Hoje, organizada por Heloisa Buarque de Hollanda. Percebemos que a junção de alguns poemas marginais é surpreendente, os escritores que viveram a margem do sistema editorial ganha lugar em uma união de poemas formando assim o que pode ser considerado um marco no cenário das publicações marginais.

#### 4. A POESIA MARGINAL COMO MEIO DE RESISTÊNCIA E CRÍTICA SOCIAL.

A poesia marginal surge em meio ao contexto de instabilidade no Brasil, uma vez que a ditadura militar deixou marcas em nossa literatura já mais vistas antes, as produções daquela época muitas foram destruídas, no entanto apesar do cenário de pura censura vemos que a poesia criada à margem da sociedade permanece viva, com o intuito de relatar aquilo que estava acontecendo no país ela vem como um grito de socorro.

As armas revolucionárias utilizadas não foram o poder bélico e sim o papel e a escrita. Nessa âncora, o ano de 1970 foi revolucionário no que concerne ao surgimento da poesia marginal é a partir desse momento que surge uma classe de poeta dispostos a descrever aquilo que estava acontecendo dentro do contexto social/histórico. O que caracterizava essa geração como *marginal* era a forma de produção alternativa, visto que as editoras estavam sobre constante vigilância militar.

A poesia com todo o seu ritmo, jogos de palavras por sua vez é considerada um texto brando sem a idealização de possuir um teor crítico voltado sempre às paixões do eu lírico. Porém, ela foi o principal meio de resistência para os escritores frente ao período ditatorial, que todo aquele era contra o regime, estava sujeito a sofrer consequências seja ela o exílio, a tortura ou até mesmo a morte, considerado um do período mais cruel da história do Brasil.

Quando nos referimos ao termo marginal, retomamos o significado comum de que é tudo o que vem da margem social, o que está fora da definição atribuída pelos padrões conservadores, o modelo cívico de cidadãos, é trocado pelo meio de vida alternativo. Conhecidos por marginais, os poetas eram conhecidos pela forma de produção e distribuição alternativa de suas literaturas, vale ressaltar que nem toda obra poderia ser considerada marginal.

A ironia, a linguagem coloquial, o erótico, a gíria, as drogas e a oralidade espontânea são algumas das características da produção escrita marginal, ela ganha espaço na sociedade como literatura de informação, ao passo que buscavam entreter o público informavam o que acontecia na sociedade, o modo de distribuição nos bares, praças, cinemas, museu de artes dentre outros levavam com que a circulação dessa literatura tivesse um alcance maior.

Tudo que não se enquadrasse num padrão estabelecido ficou, sendo marginal: cabelo comprido, sexo livre, gíria, rock, droga e outras

bandeiras recentes que tipificam um fenómeno de rebeldia das novas gerações ocidentais denominado justamente contracultura. Tratando-se de arte, toda obra e todo autor que não se enquadram nos padrões usuais de criação, apresentação ou veiculação seriam também marginais, inclusive a poesia e o poeta.(MATTOSO,1982.p.8)

Segundo o teórico, a contracultura é um dos movimentos que norteiam a poesia marginal podemos dizer que ela bebe dentro do modo de vida alternativo, visto que poetas buscavam retratar aquilo que a sociedade vinha vivenciado, a marginalidade presente nas palavras foi o que rompeu o sistema da ditadura, apesar da constante repressão ela veio para mudar o cenário, chegando aos mais altos níveis sociais com seu meio de distribuição alternativa.

Atribuindo ao poeta a característica de marginal, o termo nos remeterá logo pelo nosso censo comum a favela, ao drogado, bandido entre outro que podemos destacar, todavia os escritores da poesia marginal denominados como poetas marginais estavam presentes nos altos níveis sociais, eram homens que frequentava as academias escolares.

A poesia que floresceu nos anos 70 é inquieta, anárquica. Não se filia a nenhuma estética literária em particular, embora se possa ver nela traços de algumas vanguardas que a precederam, tais como do concretismo dos anos 50 e 60 ou do poema processo.

Os poetas jovens foram, principalmente, contra o discurso organizado, contra o discurso culto, contra a poesia tradicional e/ou universal. A poesia saiu da página impressa do livro e ganhou as ruas.[...](CAMPADELLI,1995.p.27)

A poesia marginal, surge para criticar o modo de governo estabelecido em 1964, ela floresce de acordo com Campadelli(1995), nos anos de 70 com objetivo de ser dela e para ela sem alguém para ditar os padrões de escrita ou estrutura, os discursos tradicionais e universais conforme a autora cita a poesia romper com tais paradigmas estabelecido.

Considerando a poesia marginal como ferramenta libertadora na década de 70 por ter um papel político social, a luta contra o regime de opressão foi o meio encontrado para conscientizar a sociedade sobre a barbárie do regime militar instaurado no Brasil o que começou como um grito de socorro da população passa a se tornar o pesadelo de toda a arte e a literatura foram a instrumento de liberdade e esperança. Como disse um dos grandes nomes da geração mimeógrafo: “a luta continua até o fim” (Chacal,2018.s.p). Para os poetas marginais, a luta estava apenas começando, buscando retratar em seus escritos as críticas ao governo permanecendo durante todo o período ditatorial.

Havia uma coloquialidade renitente, um desejo de diminuir a distância entre a arte e a vida e alguma coisa soava política que talvez pudessem ser usados como critério. Fui nessa. Em meio a erros e acertos, o movimento (ou seria uma tendência?) estava batizado: poesia marginal. (HOLLANDA, 1976 p.06)

A partir do exposto, convém afirmar que, movia entre os poetas o desejo de aproximar vida e arte, utilizando do coloquialismo para facilitar a compreensão. Por conseguinte o movimento marginal surge com a idealização de fazer com que as obras poéticas circulassem dentro da sociedade regida pela censura e tal contexto de circulação editorial rompe com o comum e passa a percorrer livremente. No cenário ditatorial prevalecia a palavra dos militares, tudo que circulava livremente passa a estar em constante observância.

Outro aspecto interessante se refere à linguagem coloquial utilizada nos poemas retrata a verdadeira intenção do eu lírico o teor de denúncia era presente nas palavras, trazendo a tona uma relação de intimidade como leitor buscando aproxima-lo ainda mais da poesia, a informalidade dos poetas não remete que o público consumista de suas obras eram pessoas que estavam vindos realmente à marginalidade, todavia era um modo de entrar no contexto social mascarando o que queria dizer.

A estrutura estética fugia dos padrões estabelecidos pelos modos de produção camoniana, a literatura rebuscada permeada pela formalidade não estava em destaque na década de 70. A poesia reinventa-se nesse período e passa a ser alternativa, marcado pela oposição do governo ao direito de liberdade livros, programas de televisão, peças teatrais e tudo que era cultural voltado para a comunicação sofria a consequência das barreiras que estavam estendidas.

A poesia torna-se o escape para muitos é nesse período que o espírito revolucionário da semana de arte moderna de 1922, vem tona para defender a liberdade brasileira, expondo o governo e sua forma de governar o nacionalismo que antes era uma bandeira para o golpe surge agora como um socorro em busca de defender a liberdade de expressão, a poesia marginal deve ser vista além do desbunde e do viver a margem, devemos observá-la na perspectiva de revolucionária.

Como vimos até aqui, a poesia marginal ela entra no cenário social para relatar os acontecimentos, ou seja, ela é julgada por não seguir os padrões convencionais de escrita e distribuição, no entanto chama a atenção do leitor por

sua linguagem simples e os assuntos abordados de caráter informativo ela muda o cenário de produção na década de 70, passaremos a analisar os poemas *O Riso Amarelo do Medo* de Francisco Alvim e Grupo Escolar de Cacaso presentes no livro *26 Poetas Hoje* da autora Heloisa Buarque Holanda, evidenciaremos os traços de crítica e resistência.

#### 4.1. POEMA “ O RISO AMARELO DO MEDO” DO AUTOR FRANCISCO ALVIM: ANALISE POÉTICA E ESTÉTICA.

O poema e a poesia na década de 1970 eram considerados *ruins*. No entanto e um período de grande produção artística não só na área da literatura mais em tudo que envolvia a arte, todavia, devemos levar em consideração aquilo dito por Heloisa: “O que interessa é que, por volta de 1972-3, surgiu, assim como se fosse do nada, um inesperado número de poetas e poesia[...]”(Hollanda,p.15). Os anos de 1970-79 é marcado pelo surgimento de inúmeras produções poéticas e autores como nos afirma a autora.

A ditadura militar conhecida como anos de chumbo, é o período em que as produções literárias ficam constrangidas a censura do estado, o poema *O Riso Amarelo do Medo* do poeta Francisco Alvim é composto por oito versos, à linguagem utilizada pelo autor é metáfora possuindo um sentido figurado, o mesmo utiliza-se da ironia, uma das marcas presentes no poema a ser analisado.

O próprio título do poema *O Riso Amarelo do Medo* nos traz traços de ironia, remetendo ao medo, a tortura, a censura o terror que se estabeleceu dentro do âmbito social, o *riso* é uma ação para tentar disfarçar os traumas sofridos. O discurso presente nas linhas do poema, apesar de ser expresso pela linguagem metaforizada utilizada para disfarçar o real contexto, retratando uma crítica ao governo, relatando as vivências do cotidiano.

Para analisar os poemas de Alvim, é necessário pensarmos no contexto da época e na forma, levando em consideração que a *forma*, são fatos históricos evidenciados na época. A experiência do autor é lançada dentro da poesia, o eu lírico busca retratar de forma clara e ao mesmo tempo suprimindo suas palavras, os sentimentos mais íntimos de crítica ao estado social e político. A Doutrina de Segurança Nacional estava em evidência tudo que se opunha ao regime era censurado colocando em risco a vida do poeta.

Apesar das barreiras existentes, os poetas buscavam escrever aquilo que estavam vivendo, o contexto social. Os padrões que iam contra o tradicionalismo era algumas marcas de suas produções, a crítica era evidente a forma de governo não agradava, a liberdade reprimida passa a ser motivo de luta e porque não usar a escrita como uma fonte informativa para relatar as arbitrariedades do sistema.

O poema *Riso Amarelo do Medo* está presente no livro *O Sol dos Cegos*, onde possui uma parte dedicada ao *Passatempo*. Logo o *Passatempo* nos traz uma crítica à ditadura estando presente dentro de sua formação o poema a ser analisado *Riso Amarelo do medo*, possuindo 23 poemas em sua estrutura. Nessa perspectiva, apesar de ser escrito no período ditatorial o poema *Riso Amarelo do Medo*, não possui uma crítica explícita ao sistema ditatorial, mas implícita como veremos mais adiante.

O contexto social que permeia o poema *O Riso Amarelo do Medo* é período da ditadura militar no Brasil, Alvim inicia a sua carreira como poeta no ano de 1968, em 1969-1971 mora na França, ou seja, é nesse período que escreve seu livro *O Sol dos Cegos*, dedicando uma parte para o *Passatempo*. O poeta dar início às suas produções no ápice da ditadura enquanto representava o Brasil na UNESCO, como diplomata na França.

Apesar de Alvim viver como diplomata, ele não deixou de criticar as arbitrariedades do sistema. A partir de agora, buscaremos analisar os versos do poema *Riso Amarelo do Medo* evidenciando o contexto histórico que o poeta buscou relatar:

“Brandindo um espadim  
do melhor aço de Toledo[...]  
(HOLLANDA, Antologia 26 Poetas Hoje.p 31)

Ao lermos o poema *O Riso Amarelo do Medo* em primeira instância é possível percebermos que há uma denúncia, todavia a falta do contexto histórico pode nos levar a pensar sobre os inúmeros abusos de poder por parte de alguém, podemos ver que o *Brandido* é movimentar ou agitar uma arma, já o *espadim* refere-se a uma espada de pequeno porte, o *aço de Toledo* é considerado um dos melhores aços. Vemos que nos primeiros versos o espírito de luta que o próprio governo trava com o povo.

[...]ele irrompeu pela Academia  
Cabeças rolam por toda parte[...]

(HOLLANDA,Antologia 26 Poetas Hoje.p 31)

Fica evidente que a violência física por parte dos militares no terceiro e quarto verso. Tudo que vinha a criticar e expor o regime era tratado com o máximo rigor possível abrindo margem para a violência desenfreada, todos sofriam pressões psicológicas pelo medo que era propagado, temendo por suas vidas, criticar o regime que oprimia, torturava, exilava e matava era algo que tinha que ganhar a margem social e principalmente dentro poesia.

[...]é preciso defender o pão de nossos filhos  
respeitar a autoridade[...]  
(HOLLANDA,Antologia 26 Poetas Hoje.p 31)

Diante desse fragmento, notamos que o medo é um dos marcos na ditadura a autoridade, o poder máximo que estava no Brasil vinha cada vez mais sendo usando sua força para silenciar os que mantinham o seu criticismo, muitas das vezes autores eram silenciado como Alvim nos traz *respeitar a autoridade*, respeito esse que não foi conquistado por admiração aos serviços prestados ao país, mas imposto de maneira arbitrária a cada cidadão.

[...]O atualíssimo evangelho dos discursos  
diz que um deus nos fez desiguais."  
(HOLLANDA,Antologia 26 Poetas Hoje.p 31)

O evangelho de Cristo prega que todos somos iguais perante Deus e que não existe distinção, no entanto o eu lírico faz uma analogia, é como se o mesmo afirmasse que um novo discurso foi instituído abrindo margem a um novo pensamento ao dizer: *O atualíssimo evangelho*, reformulando a maneira de pensar imposta pelos estão no poder o *deus* escrito com a letra *d* minúscula nos remete a inferioridade, tal letra é colocada pra diminuir o poder referindo-se aos militares deuses que surgiram ditando regras.

A desigualdade se estabelecer no país fazendo todos desiguais *um deus nos fez desiguais* os deveres a serem cumpridos deveria ser para todos, mais os privilégios eram para poucos. O modelo social em que o maior estar no topo recebendo um tratamento diferencia é nítido, ou seja, o governo privilegiava aquele que estavam ao seu lado, discriminando os que se opunham as regras estabelecidas.

Nessa perspectiva, a metáfora e a ironia presentes em *O Riso Amarelo do Medo*, nos trazem de maneira clara e objetiva o abuso das autoridades militares frente à população do país. O poeta Francisco Alvim nos relata que apesar daqueles que estavam no poder tivesse total autonomia, a população estava sujeita a repressão utilizando a escrita como maneira de fugir e denunciar as irregularidades, as linhas do poema nos mostra a insatisfação do eu lírico em relação às formas de agir do exército.

Relatando a vivência do cotidiano, o poeta utiliza-se da escrita coletiva marginal pelo seu modo de escrita ao relatar elementos que remetem uma lembrança instantânea como, *espadim* (espada curta), *aço* remetendo a força da luta contra a ditadura, *academia* referindo-se aos centros de estudo e formadores de pensamentos críticos, a expressão como *defender o pão dos nossos filhos* mostrando que a escassez de trabalho era uma realidade.

A linguagem coloquial em seus escritos faz com que o público consumidor das publicações sejam cada vez maiores, para Alvim descrever em suas poesias o contexto social, a história de um povo que estava sofrendo era e dar voz a uma sociedade reprimida. O riso nos remete a felicidade, no entanto ao vir acompanhado do substantivo amarelo, nos traz a compreensão do sorriso de um homem mau.

A poesia também encontrou maneiras de incorporar a proposta marginal e se posicionar em meio ao debate estético por meio de uma linguagem irônica, versos tidos como “descompromissados”.(NASCIMENTO, 2016, p. 51).

Segundo o teórico a poesia, *incorpora a proposta marginal*, ou seja, o poeta Alvim nos traz a linguagem coloquial e a ironia, seguindo a proposta da escrita poética marginal. Com as marcas do milagre econômico o Brasil torna-se refém da ditadura, todavia como passar dos anos o desemprego e a hiperinflação fazem parte do cenário, retratando um ponto negativo do sistema.

A leitura aprofundada do poema *O Riso Amarelo do Medo*, nos traz sentido metonímico. Tal jogo de palavra traz à tona as marcas dos discursos abusivos proferidos pelos ditadores. A linguagem poética marcada pela autorreflexão faz com que os leitores de Alvim se aproximem do escritor possuindo uma ligação entre, poeta e leitor. O eu lírico retrata como o AI-5(Ato Institucional de Nº5), fez com que muitos que compunham a esquerda reavaliassem sua forma de pensar.



O Riso Amarelo do Medo destaca uma crítica irônica ao governo, que durante seu período no poder buscou sufocar a liberdade de expressão artística, assim a população vive com medo, e os poderosos ditam as regras sem importar-se com os que iram se afetar. A empolgação de 68, o nacionalismo em alta, a alegria da população de que tempos felizes viriam foram colocados de lado e a melancolia toma conta. O que resta para a sociedade é lutar para conseguir o pão para sua família enquanto ainda é tempo.

A partir dessa discursão, abordaremos no tópico a seguir o poema Grupo Escola de Cacaso, que nos traz críticas a cerca da ditadura. Apresentando os traços irônicos e como o poema foi utilizado para criticar o autoritarismo.

#### 4.2. POEMA “GRUPO ESCOLAR” DO AUTOR CACASO: ANALISE POÉTICA E ESTÉTICA.

O poema *Grupo Escolar* foi escrito pelo poeta Antonio Carlos Ferreira de Brito (1944-1987), conhecido como Cacaso. O título da produção poética *Grupo Escolar* nos traz à luz o sentido de educação, o ambiente escolar, o ensinar e o aprender, no entanto ao analisarmos a titulação vemos que possui um significado muito maior.

A poesia de resistência passa a ser produzida longe dos circuitos editoriais, apesar da constante vigilância os poetas marginais driblaram o sistema e se fizeram ouvidos por meio de suas obras. A resistência nas linhas gerais dos poemas marginais não é explícita, pois apesar de escreverem fora do modo de produção e comercialização tradicional das editoras, o modo de venda alternativo foi utilizado para que pudessem desviar-se da censura, escrevendo assim de maneira implícita contra o regime.

O poema Grupo Escola é composto por traços de intertextualidade, metalinguísticos e irônicos. A linguagem coloquial se faz presente no poema em palavra como *sonho*, *face*, *deslizei*, *galopando* e *penas*, são alguns temas usados para apresentar a linguagem popular da poesias marginal analisada.

“Sonhei com um general de ombros largos que rangia[...]”  
(HOLLANDA, Antologia 26 Poetas Hoje.p 73)

A figura de um general é caracterizada por uma posição de prestígio, as características atribuídas ao *general* como, *de ombros largos*, faz uma analogia a ditadura. Cacasso a descreve como imponente, forte e que possuía um lugar no alto

escalão, lembrando que o governo do país estava sobre o comando dos militares, caracterizado pela força, o autoritarismo *rangia*, estando presente em todo lugar e momento.

[...]e que no sonho me apontava a poesia  
enquanto um pássaro pensava suas penas  
e já sem resistência resistia.[...]  
(HOLLANDA,Antologia 26 Poetas Hoje.p 73)

A censura trazida pela ditadura não deixou de ser retratada através da poesia o eu lírico nos relata que no sonho o general é forte e autoritário, no entanto a poesia aparece como uma bandeira de liberdade sendo estendida. A figura da ave é apresentada como sinal de liberdade, o pássaro é um ser livre, sua habilidade de voar faz com que o animal não fique estagnando no mesmo lugar por muito tempo, contudo percebemos que a ave pensa sobre suas penas ficando refém do sonho de um dia possuir sua liberdade novamente.

O animal que o poeta nos traz no poema *Grupo Escolar*, esta preso e sem liberdade de voar, pensando sobre suas próprias penas, no entanto ato de pensar demonstra a falta do livre-arbítrio. O pássaro representa o homem, o poeta e os artistas que na ditadura não possuía o direito de expressar-se, porém apesar desses fatores a resistência da poesia é eminente mesmo frente aos seus silenciadores ela deu um jeito de gritar mais alto e enfrenta-los.

A luta é colocada em pauta quando o poeta nos traz no verso, *e já sem resistência resistia*, o sentimento de liberdade movia o meio artístico, o desejo de expressar-se sem medo de que a qualquer momento a censura batesse a sua porta e você fosse sentenciado como culpado, sem nem passar por um julgamento e ter o direito de defender-se, por causa da sua opinião contra o governo, essa sensação andava com os escritores marginais.

[...]O general acordou e eu que sonhava  
[...]face a face deslizei à dura via  
vi seus olhos que tremiam, ombros largos,  
seu queixo modelado a esquadria  
vi que o tempo galopando evaporava  
(deu pra ver qual a sua dinastia)[...]  
(HOLLANDA,Antologia 26 Poetas Hoje.p 73)

O poeta estava sonhando e no seu sonho a poesia ganhava força e vida ela era a ponte de escape para os escritores abrindo as barreiras nunca vistas antes, as letras gritava a resistência e a bandeira era levantada, No entanto a ditadura acorda

vindo com mais força passando por cima de tudo e todos, os que estavam a frente eram poderosos possuíam prestígio, relatado no seguinte trecho, *(deu pra ver qual a sua dinastia)*, as sucessões que passaram e estavam por vim durante os 21 anos de ditadura no Brasil, eram homens que regeriam nossa nação com braços de ferro.

[...]mas em tempo fixei no firmamento  
esta imagem que rebenta em ponta fria:  
poesia, esta química perversa,  
este arco que desvela e me repõe  
nestes tempos de alquimia.  
(HOLLANDA, Antologia 26 Poetas Hoje.p 73)

O eu lírico apesar de tudo contempla o firmamento, as linhas do horizonte e percebe que ainda possui um longo caminho a ser percorrido pelos poetas, o sistema implantado torna-se cada vez mais intragável. A poesia é o único alento que eles possuem, procurando a todo o momento percorrer o vazio.

O poema *Grupo Escolar* relata a insatisfação do eu lírico diante do contexto social, publicado em 1974, pós-golpe militar mostra como a poesia foi sufocada e como se tornou tão perversa ao ponto de deixar de ser uma literatura romântica, passando a ser um instrumento de intervenção no cenário sócio/político e literário na década de 70.

Esteticamente o poema é composto por 15 versos, utiliza-se da metáfora quando usa a figura do general para referir-se a ditadura, trás em suas palavras a resistência e a crítica mostrando que apesar de todos os obstáculos a poesia é fonte de informação, mesmo com os sentimentos de medo, angústia ou alegria. Os poetas marginais relatam as opressões dos anos cinzentos é possível notar que a luta pela liberdade era perceptível em cada poesia escrita, da crítica a repressão e a perda da liberdade, usavam de uma linguagem humorada e sarcástica.

A opressão dos ditadores estava presente dentro da sociedade, para um escritor colocar em pauta o que estava pensado era um grito de liberdade misturado ao medo, pois não sabiam o que poderiam sofrer. A intertextualidade e autorreflexão estavam presentes na poesia marginal fazendo com que se tornassem além de um texto poético um poema informativo com o intuito de despertar.

Cacasso nos traz em seu poema *Grupo Escolar* características de sua escrita individual, retoma também a produção textual coletiva dos poetas marginais, sendo um dos grandes nomes do movimento poético marginal buscando trazer em sua poesia uma expressividade sobre os fatos do cotidiano.

O discurso poético de Cacaso nos demonstra o seu senso crítico contra a figura de importantes generais que ditavam as regras na ditadura, não se importavam em como a população sofreria com decisões arbitrárias. Nessa perspectiva, vemos que em *Grupo Escolar* os homens representados pela figura do pássaro lutam para que possam ser ouvidos e que as liberdades de se expressarem sejam recuperadas para saírem do limbo.

A poesia marginal veio para dar voz a uma sociedade que estava cala e reprimida pelos atos arbitrários do sistema, foi a maior voz da resistência na década de 70, os 21 anos da ditadura muitos artistas, autores e todos que se opuseram ao regime sofreram consequência e até hoje essas marcas perduram em nossa literatura, a poesia fora do cânone literário brasileira ganha a maior notoriedade nos circuitos de leitura sendo muitas destruídas por se oporem ao regime ditatorial.

Tais poemas como o *Grupo Escolar* e *O Riso Amarelo do Medo* buscam relatar as arbitrariedades do sistema político/ social em que a população fica a mercê do autoritarismo, as críticas feitas pelos poetas e publicada nos folhetins, revistinhas em outros, buscavam despertar na sociedade um olhar crítico para houvesse um despertar diante de todo o discurso de nacionalismos mascarado proferido pelas forças militares.

Escrever sobre um determinado contexto social em que há inúmeras irregularidades nos traz à tona um sentimento de tristeza, todavia os autores denominados marginais vivenciaram os sentimentos que expõem em suas obras a repulsa, o ódio, o sentimento de ser calado.

A ditadura percorria sua forma de pensar o medo assombrava, pois sabiam que ao se opor sofreria as consequências, contudo o jogo de palavras e ritmos vindo desde o tropicalismo com suas canções, da luz ao que podemos chamar de *poesia marginal*, utilizando-se da ironia, o ritmo, a metáfora, a intertextualidade e a autorreflexão.

A poesia torna-se um marco da resistência dentro do autoritarismo, frente ao plano político instalado faz com que muitos passem por um período de inconstância é dentro desse sentimento que a chama da revolução e liberdade aparece novamente, o desejo de serem livres para escreverem e cantarem.

Na década de 70, está presente marcas de movimentos que durante a ditadura mostraram-se como um escape, tais como o desbunde, o tropicalismo e CPC tendo como principal característica anunciar as irregularidades, assim a poesia desse período deve ser avaliada como testemunho, informativo e de reflexão.

A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (poesia mítica, poesia da natureza); ora a melodia dos afetos em plena defensiva (lirismo de confissão, que data, pelo menos, da prosa ardente de Rousseau); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do epos revolucionário, da utopia).(BOSI,1977,p.144-145)

A resistência possui inúmeras linhas de pensamento, segundo Bosi ora é comunitária, ora defensiva, para o autor ela possui o viés de que luta pelo direito do povo e ao mesmo tempo elas se mantem reclusa. Apesar dos seus dois lados de interpretação ela vira um símbolo positivo dentro da literatura “A luta é, às vezes, subterrânea, abafada, mas tende a subir à tona da consciência e a acirrar-se porque crescem a olhos vistos as garras do domínio”(BOSI, 1977, 144-145), uma luta acontecia dentro do político/social começando de forma *abafada* ela toma forma e passa ser um dos grandes movimentos de denúncia dentro da literatura.

A luta estabelecida no período da ditadura foi travada através dos movimentos revolucionários, música, poesia e todas as formas de artes. Uma força forjada no uso da palavra e do ritmo, a poesia marginal ela reinventa-se na ditadura e mostra-se única capaz de entrar-nos mais diversos lugares. O modelo editorial convencional das grandes editoras foi burlado pela mão de obra manual dos poetas e sua distribuição alternativa o que era proibido de circula como a liberdade da escrita crítica, vem para romper os obstáculos chegando aos mais altos níveis da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia marginal carrega consigo o status de histórica, ela retrata em suas linhas as atrocidades cometidas pela ditadura militar bem como a resistência dos poetas que não se calaram, contudo continuaram a escrever o que estava acontecendo na década de 70. Rompendo com os padrões estabelecidos pelo cânone literário a literatura marginal ganha notoriedade na sociedade.

O mimeógrafo instrumento utilizado para a produção dos folhetins e considerado uma ferramenta indispensável nesse período autoritário em que todo o sistema editorial estava em constante observância pelos militares. A censura era explícita em todos os ambientes artísticos, o que possuía um teor de contrariedade às normas estabelecida pelo governo militar estava sujeito a ser silenciado.

A crítica presente nas linhas dos poemas nos retoma o quanto os poetas marginais foram ousados utilizando-se das figuras de linguagem e do coloquialismo para suas produções poéticas, tendo como objetivo a compreensão imediata por parte daquele que ler. A geração mimeógrafo é a que se utiliza da palavra para resistir à opressão ditatorial criticando o sistema vigente.

Os versos dos poemas tornam-se um meio de liberdade para os poetas que criticam a ditadura militar, utilizam-se da linguagem implícita, a subjetividade, o contexto histórico e transmitem em seus escritos sua forma de protesto através da literatura. A literatura marginal percorre todo cenário artístico criativo sendo jornalista, autores, músicos tendo como objetivo desvincular-se do academicismo e das normas poéticas.

Durante os 21 anos de ditadura, no Brasil, surgem um grande cenário de produções literárias buscando em suas vertentes a resistência contra a censura, com o golpe militar 1964 o cenário de repressão ainda está instável, contudo com a implantação do AI-5 o cenário muda completamente o regime passa a ser mais rigoroso quanto aos modos culturais.

A poesia foi utilizada como ferramenta libertadora na década de 70, tendo um papel político social, entrando-nos mais diversos níveis da sociedade foi à voz para um povo silenciado. Assim, a liberdade foi recuperada através das palavras ganhando forma de poesia, antes romantizada abre margem para a poesia documental cheia de fatos históricos, buscando conscientizar a população sobre os constantes abusos de poder por parte dos militares.

Nessa perspectiva, notamos que a produção poética da década de 70 foi de grande importância no cenário de produção artística, o desejo de serem livres para escreverem seu poema faz com que um movimento revolucionário surja impactando culturalmente e social. Por fim, a poesia marginal foi um dos gritos de socorro e de protesto que mudou todo cenário de produção literária visto que as mais belas são aquelas feitas com o intuito de liberta-se das amarras imposta por um sistema autoritário.

## REFÊRENCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Movimentos e Estilos Literários**. São Paulo: Scipione, 1995.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil: (1964-1985)**. 2ª. Ed. Bauru: Edusc, 2005.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. SÃO PAULO: CULTRIX, 1977

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Poesia Marginal dos Anos 70**. São Paulo: Scipione, 1995.

CARVALHO, José Augusto. **Quase Toda Poesia** (Org.). Hilário Soneghet. Vitória: Flor & Cultura, 1995.

CEI,Vitor. **O Teor Testemunhal da Poesia Marginal: Política, Filosofia, Desbunde**. In: XII Congresso Internacional da ABRALIC, 2011, Curitiba: UFPR, 2011.4.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para Quê?** .Trad. De Laura Taddei Brandini, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

CHACAL, Ricardo. A resistência do bicho tihoso. *Jornal Rascunho*, Curitiba, n. 217, s. p., maio de 2018. Disponível em: . Acesso em: 03 ago. 2018.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. Trad. De Waltensir Dutra, São Paulo: Martins Fontes, 1990.



FAVARETTO, Celso. **tropicália alegoria alegoria**. 3. ed. São Paulo: ateliê editorial, 2000. ISBN 85-858551-03-1

FICO, Carlos. **Versões e Controvérsias Sobre 1964 e a Ditadura Militar**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 24, n. 47, p.29-60, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882004000100003>.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 3. ed. São Paulo: LOYOLA, 1996.

GALVÃO.R. M. **Memória Mimeografada: Fragmentos dos Anos de 1970 em Ana Cristina Cesar**. Revista Eletrônica do Netili, v 3, n 2, p. 163-174, 2014. Disponível em <https://www.academia.edu/9882073/MEM%C3%93RIA>

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **26 Poetas Hoje Antologia de 1976**. Editora Companhia das Letras.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de Viagem - CPC, Vanguarda e Desbunde**: 1960/1970. São Paulo; Brasiliense, 1980.

INFANTE, Ulisses. **Curso de Literatura da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2001.

JUTGLA, Cristiano Augusto da Silva. **A Poesia de Resistência á Ditadura Militar: Um Estudo de Suas Configurações**. fólio - Revista de Letras, [S. l.], v. 5, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3362>. Acesso em: 11 nov. 2022.

LOPES. Italo de Andrade. **Vozes Marginais:Atuação da Poesia na Ditadura Militar na Década de 1970 a 1980**. Revista do departamento de história e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 5, n. 2 jul./dez. 2016.

MACIEL, Luis Carlos. **Nova Consciência. Jornalismo Contracultural 1970-72**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

MATTOSO, Glauco. **O que é Poesia Marginal**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

NAPOLITANO, Marcos. **Entre o Imperativo da Resistência e a Consciência da Derrota: A Literatura Brasileira Durante o Regime Militar**. *Literatura e Sociedade*, v. 21, n. 23, p. 230-243, 2016. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i23p230-243. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/l/article/view/134587>. Acesso em: 10 nov. 2022

NASCIMENTO, Alexandre Vinícius Gonçalves. **O hino dos libertinos: poesia marginal e ditadura no Brasil por meio da antologia "26 Poetas hoje"**, 1976. Dissertação. Instituto de Geografia, História e Documentação. UFMT. Mato Grosso, 2016.

NASCIMENTO, Luís Felipe Gonçalves do. **A geração de 70: sobre expressões do amor na sociedade de 1970 no Brasil**. *Temporalidades*, v. 7, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5622>

NETTO, Jose Paulo. **Pequena História da Ditadura Brasileira(1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 2014.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**: Tradução de Olga Savany. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTIAGO, Silviano. **Poder e alegria: A literatura brasileira pós-64** . Nas malhas da letra: ensaios. Rio de Janeiro, 2002.

TELES, E. SAFATLE, V. **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. Boitempo. São Paulo, 2010.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio (Engenho Novo): Fundação Biblioteca Nacional, 1915.

## ANEXOS

O Riso Amarelo do Medo (Francisco Alvim)

"Brandindo um espadim  
do melhor aço de Toledo  
ele irrompeu pela Academia  
Cabeças rolam por toda parte  
é preciso defender o pão de nossos filhos  
respeitar a autoridade  
O atualíssimo evangelho dos discursos  
diz que um deus nos fez desiguais."

(Antologia *26 poetas hoje*, organização de Heloisa Buarque de Hollanda.)

Grupo Escolar (Cacaso)

Sonhei com um general de ombros largos que rangia  
e que no sonho me apontava a poesia  
enquanto um pássaro pensava suas penas  
e já sem resistência resistia.  
O general acordou e eu que sonhava  
face a face deslizei à dura via  
vi seus olhos que tremiam, ombros largos,  
seu queixo modelado a esquadria  
vi que o tempo galopando evaporava  
(deu pra ver qual a sua dinastia)  
mas em tempo fixei no firmamento  
esta imagem que rebenta em ponta fria:  
poesia, esta química perversa,  
este arco que desvela e me repõe  
nestes tempos de alquimia.

(Antologia *26 poetas hoje*, organização de Heloisa Buarque de Hollanda.)